

A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA: UMA ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

THE RELATIONSHIP BETWEEN LITERATURE AND HISTORY: A THEORETICAL-METHODOLOGICAL APPROACH TO TEACHING HISTORY

Maycon Dougllas Vieira dos Santos¹

Universidade de São Paulo

Rafael Lisboa da Silva²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A produção literária possui a capacidade de exprimir a realidade por meio dos sentimentos do autor e nesse sentido, ela se aproxima da História por ambas se pautarem em formatos discursivos. No que diz respeito ao ensino de História, a utilização dessas produções na educação básica auxilia no exercício da investigação e construção do conhecimento histórico, o que também contribui, segundo SUTIL (2015, p. 1) “para que o aluno se perceba como sujeito de seu tempo na inter-relação com diversos outros sujeitos”. Logo, intenta-se por meio deste estudo tecer, por intermédio de uma abordagem teórico-metodológica, o diálogo entre a História e a Literatura, bem como elucidar a sua contribuição para o ensino de História.

Palavras-chave: História; Literatura; Conhecimento Histórico;

Abstract: Literary production has the ability to express reality through the author's feelings and in this sense, it comes close to history because both are based on discursive formats. With regard to the teaching of History, the use of these productions in basic education helps in the exercise of research and construction of historical knowledge, which also contributes, according to SUTIL (2015, p. 1) “for the student to perceive himself as a subject of their time in the interrelationship with several other subjects”. Therefore, the aim of this study is to weave, through a theoretical-methodological approach, the dialogue between History and Literature, as well as to elucidate their contribution to the teaching of History.

Key-words: History; Literature; Historical Knowledge;

Submetido em 04 de março de 2020

Aprovado em 06 de junho de 2020

Introdução

A ampliação das fontes para a produção de conhecimento histórico foi, dentre outras características, um marco da transformação da História nos finais do século XIX e início do XX. O movimento que iniciou essa expansão está relacionado à Revista

¹ Graduado em Licenciatura em História pela UFT (Universidade Federal do Tocantins). Mestrando em História Social pela USP (Universidade de São Paulo). Email: mdougllas0@gmail.com

² Graduando em Letras pela UFT. Email: rafaelletras19@gmail.com

d'Histoire Économique et Sociale, fundada em 1929 por March Bloch e Lucien Febvre. Nas palavras de Peter Burke (1997), “a revista, que tem hoje mais de setenta anos, foi fundada para promover uma nova espécie de história e continua, ainda hoje, a encorajar inovações” (p. 11)

Para Burke, as três grandes características deste movimento são: Substituição de uma história narrativa de acontecimentos para uma história-problema; A história de todas as atividades humanas e não apenas política; e a colaboração com outras disciplinas.

O autor, ao discorrer sobre essas características, relaciona o caráter interdisciplinar com a Revista e seus autores. “O compromisso de Bloch com a geografia era menor do que o de Febvre, embora seu compromisso com a sociologia fosse maior. Contudo, ambos estavam pensando de uma maneira interdisciplinar” (BURKE, 1997, p. 27)

Ao se tratar da questão interdisciplinar, D’ávila (2011) diz que, “interdisciplinaridade é uma ação voltada à integração de conteúdos antes divididos em um único e novo saber, para proporcionar aos estudantes várias perspectivas sobre determinado assunto, estimular o pensamento e causar reflexões”.

Tanto a interdisciplinaridade praticada por intelectuais vinculados aos *Annales*, quanto ao alargamento das fontes históricas são pontos-chave para uma compreensão da produção histórica deste período. Ferreira e Seffner (2008) concordam em denotar essa expansão como a “revolução documental”

Por um lado, a revolução documental acabou com o império do documento escrito, permitindo que o olhar do historiador se desviasse dos documentos oficiais e das tramas políticas, típicas da história positivista, para uma quantidade indefinível e enorme de vestígios do passado: imagens, filmes, crônicas, relatos de viagem, registros paroquiais, obras de arte, vestígios arquitetônicos, memória oral... (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115).

Dentre as fontes que foram inseridas neste arcabouço encontra-se a Literatura, deixada por muito tempo de lado por grande parte dos historiadores, devido ao seu caráter ficcional. Desde o século XIX, a literatura pauta-se profundamente na relação de sua produção com o social. Relação essa, que se apresenta quase que intrínseca à História. “História e Literatura se aproximam de tal forma que é bastante complexa a tarefa de tentar dissociá-las, pois para os pressupostos da História Cultural, as

narrativas, sejam elas literárias ou históricas, constroem uma representação sobre a realidade” (PESAVENTO, 2003, p.71). Realidade essa que por meio dos sentimentos, opiniões, visões de mundo e principalmente, pela escrita do autor, podem ser captadas pelo leitor que deseja não apenas conhecer os grandes acontecimentos, mas como eles repercutiram naquele ambiente.

Ora, esta História Cultural, debruce-se ela sobre a escrita do texto, sobre a edição do livro ou sobre a leitura, permite reconstruir o passado como objeto de pesquisa, tentar atingir a percepção dos indivíduos no tempo, quais são seus valores, aspirações, modelos, ambições e temores. Permite, inclusive, pensar a descontinuidade da História e a diferença, pondo tanto o historiador como o leitor diante de uma alteridade de sentidos diante do mundo. (PESAVENTO, 2003, p.71)

Podendo afirmar que tal fonte histórica dentro do contexto da História Cultural promove uma maior abrangência sobre o passado. Não apenas a representação do passado escrita pelo autor, mas os motivos para aquele tipo produção literários, os padrões pertencentes, a forma como os aspectos sociais se apresentam e a repercussão em determinada produção.

Diante da perspectiva apresentada, pretende-se por meio do presente artigo desenvolver uma reflexão teórica sobre a relação da História com a Literatura de forma a percorrer diferentes abordagens e possíveis métodos com vistas a contribuir ao ensino de História. A primeira parte do artigo abordará os fundamentos que relacionam a História com as fontes históricas e como a mesma, cronologicamente, foram sendo utilizadas. Logo em seguida, será realizado um breve histórico acerca da Literatura e seu conceito, apresentando as mudanças que oportunizaram a mesma de ser utilizada como fonte histórica. Por último, será discutido como o ensino de História pode fazer uso da literatura como fonte de conhecimento e construção histórica.

A História e suas fontes: algumas considerações

O século XX para a historiografia é notadamente marcado por aquilo que muitos historiadores chamam de “revolução documental”. O que ocorre não é apenas o deslocamento de um documento que antes não era considerado como “fonte histórica” ou o alargamento das fontes, mas a própria concepção do que é considerado documento ou fonte. “De um modo decidido desde o início da chamada Escola dos Annales, mas já

bem antes, o conceito de fonte histórica tem se ampliado e se transformado significativamente” (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115).

Os autores acima citados também concordam em dizer que essa revolução documental acabou com o “império” do documento escrito, oficial, bem como contribuiu para que a História desviasse sua atenção para uma história que não tivesse somente o viés político.

Mas, principalmente, a revolução documental dobrou o olhar da disciplina História para aspectos da vida social, antes distantes do olhar dos historiadores, e apenas abordados por determinadas ciências como a Antropologia e a Etnologia. O imaginário, as mentalidades, o cotidiano, a vida privada, sensibilidades passam a fazer parte do universo da História e permitem aos historiadores montar uma trama mais bela da vida dos povos e dos tempos passados. (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115).

Se tratando do conceito de documento, o mesmo sofreu inúmeras críticas neste contexto de ampliação das fontes. Na medida em que novos historiadores como Le Goff, ou Michel Foucault, contribuíram para a mudança do conceito de documento, o mesmo passa a ser visto como “monumento, ou seja, ele é rastro deixado pelo passado, construído intencionalmente pelos homens e pelas circunstâncias históricas das gerações anteriores” (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 115).

Essa virada se torna significativa, pois agora o documento deixa de ser visto como “verdadeiro” ou “falso”, ou também deixa de ser encarado como o apêndice do Historiador, o “anexo” que atesta que aquela determinada pesquisa é realmente verdadeira. Segundo Ferreira e Seffner (2008), “o triunfo do documento deixou de ser o triunfo da verdade. O critério de verdade empirista, baseado na ideia de uma correspondência entre o relato e a realidade, foi abandonado pela história desde a crítica ao positivismo, para o qual os documentos eram veículos da verdade do passado” (p. 117).

A mudança de visão sobre documentos e fontes contribuíram também para a distinção entre História e passado, antes tido como iguais. A História passa a ser englobada na perspectiva discursiva, enquanto o passado, agora, se torna o objeto de estudo da História.

O passado é o objeto de estudo do historiador, apenas acessível pela linguagem que o ordena; a história é um discurso que os historiadores produzem como resultado de um longo trabalho de seleção de fontes, de seleção do método e de seleção da teoria, mergulhado em importantes conflitos e lutas políticas do presente. (FERREIRA e SEFFNER, p. 117).

O uso das fontes no trabalho do historiador é bastante caro e singular para a História. Segundo BARROS (2010), “o debate sobre as ‘fontes históricas’ remete-nos a um dos dois fatores que constituem a mais irredutível singularidade da História como campo de conhecimento” (p. 71). O autor elucida que os dois fatores são aqueles apresentados por March Bloch quando o mesmo conceitua a História como “a ciência que estuda o Homem no tempo”, e que Barros irá concordar que só é possível acessá-lo no tempo através das fontes, que são vestígios deixados pela sociedade ao longo dos séculos. Para Barros, esses são os dois fatores principais que particularizam a História das demais ciências. “A ‘centralidade da dimensão temporal’, neste tipo de conhecimento que é a História, e a ‘utilização das Fontes’, pelo Historiador que o produz, são precisamente os dois fatores que fazem com que a História possa ser distinguida de qualquer outro campo de saber” (BARROS, 2010, p. 71).

Em princípio, as fontes eram colocadas no patamar primordial do Historiador. Alguns intelectuais como Seignobos chegaram a dizer que “sem documento não há História”. Com o advento dos Annales, as fontes são secundarizadas, porque segundo os autores da revista francesa, a História não se faz se não tiver um problema. “O historiador dos Annales, com isto, queria mostrar que a operação historiográfica principiava na verdade com a formulação de um problema. Seria um problema construído pelo Historiador o que permitiria que ele mesmo constitui se às suas fontes, agora deslocada para o segundo passo da pesquisa” (BARROS, 2010, p. 72).

Atualmente, tem-se por consensual que tanto a “fonte” quanto o “problema” estão entrecruzadas: tanto os “problemas” podem levar o Historiador a pesquisar determinadas tipos de fontes, quanto às fontes podem levar à novas problemáticas. Todas essas questões culminaram no alargamento das fontes históricas. Agora, não será mais considerado somente os documentos dos grandes políticos, ou tidos como oficiais. Serão alinhadas também fontes como imagens, crônicas, filmes, relatos de viagens, memória oral, literatura, etc. Barros também concorda em dizer que a historiografia expandiu o universo de suas fontes “de um lado, as fontes textuais, que sempre foram tão amplamente empregadas pelos historiadores, começam a se diversificar; de outro

lado, pode ser percebido um contraponto importante que é o da expansão das fontes com novos tipos de suporte” (BARROS, 2010, p.75).

Literatura: História, Conceito e sua utilização como fonte historiográfica

Nos primórdios da humanidade, a literatura existia na forma oral. Todos os povos continham seus ensinamentos, assim como suas histórias (Inventadas ou relatos de experiências) guardadas apenas na mente e repassadas de forma oral aos mais jovens. A palavra literatura origina-se etimologicamente do latim *litteratura*, a partir de *Littera*, letra. De forma que, ao longo do tempo, o conceito de literatura esteve implicitamente ligado à palavra escrita ou na forma impressa.

Conseqüentemente, acredita-se que literatura e escrita são iguais; possuem conexão, mas, não são. Como mencionado anteriormente, narrativas sempre existiram; mesmo sem escrita. A escrita viria apenas muito depois; antes, escrevia-se histórias em cavernas, com auxílio de tintas que eram obtidas na floresta.

Um dos mais antigos textos escritos que possuem uma narrativa é o poema de Gilgamesh: A lenda conta a história de Gilgamesh³, rei sumério e fundador da cidade de **Uruk** que governou a região por volta do ano 2.700 a.C. e, que possivelmente foi escrito em 2000 a.C. Servindo assim, de base para se conhecer a história desse reinado. Outro poema muito importante é a Odisseia, de Homero. Um poema que conta a história de Ulisses e a sua grande viagem de retorno para casa após a guerra de Tróia. Tal obra ficou conhecida pelos atos heroicos presentes na narrativa e que por muito tempo, foram usadas na pedagogia grega no que se referenciava a ética e moral; assim como exemplo da construção de um modelo de ser humano.

Desta forma, a literatura não pode vir a ser conceituada; e sim definida. O conceito, normalmente resulta de impressões mais ou menos subjetivas que cada pessoa retira de determinado objeto; o conceito se revela assim, incapaz de satisfazer a todos. Em contrapartida, a definição consegue dar uma explicação de forma precisa, exata, de algo. Principalmente pelo fato de se basear no raciocínio; neste caso, na razão e na lógica.

Conseqüentemente, o conceito sempre acompanhará um posicionamento crítico por parte de quem fala. Para Mário Vargas Llosa (ANDRADE, 2010): “A literatura nos

³ Gilgamesh, Tradução de Pedro Tamen, São Paulo, Ars Poética, 1992 (Prefácio de Norberto Luiz Guarinello, e capa de Luís Alves da Costa)

permite viver num mundo onde as regras inflexíveis da vida real podem ser quebradas, onde nos libertamos do cárcere do tempo e do espaço, onde podemos cometer excessos sem castigo e desfrutar de uma soberania sem limites.” Enquanto que para Louis de Bonald: “A Literatura é a expressão da sociedade, como a palavra é a expressão do homem.” (ANDRADE, 2010). E para Afrânio Peixoto:

A literatura é como o sorriso da sociedade. Quando a sociedade ela está feliz, o espírito se lhe reflete nas artes e, na arte literária, com ficção e com poesias, as mais graciosas expressões da imaginação. Se há apreensão ou sofrimento, o espírito se concentra grave, preocupado, e então, histórias, ensaios morais e científicos, sociológicos e políticos, são-lhe a preferência imposta pela utilidade imediata. (PEIXOTO, 1939)

Todos os conceitos apresentados possuem pontos que não mudam: A literatura é e sempre será uma manifestação impregnada de arte; enquanto ferramenta de trabalho; a linguagem sempre será material para desenvolver uma obra e, em toda e qualquer obra pode se perceber convicções filosóficas, sociais ou políticas, seja de grupo ou de indivíduos.

Como evidenciado ao longo desse texto, a subjetividade permeia a literatura; pois a mesma acaba por ser uma representação escrita de um período histórico, que se encontra entranhada de imaginação e sofre influência do meio social. Porém, quando e como a literatura pode ser usada como fonte historiográfica?

No campo da história, durante muito tempo, utilizou-se apenas fontes ditas como “oficiais”, pretendia-se com elas, uma maior fidelidade para com um período histórico que viria a ser estudado. Segunda Santana:

As fontes históricas, como o próprio nome diz, constituem-se de “fontes”, o substrato, a matéria-prima, que possibilitam ao historiador a reconstituição do passado. Desta feita, as fontes apresentam-se de maneira diversificada, agrupando-se, basicamente em: fontes escritas, materiais, iconográficas, visuais ou audiovisuais e orais. (SANTANA, 2014, p. 126-127)

Tais fontes, só viriam a ser utilizadas com maior participação, no contexto da História Cultural (Nos anos de 1990), principalmente por entender que essa corrente de produção da história é a que abre maior possibilidade a incorporação de novas fontes

a produção intelectual dos historiadores mudou em profundidade e em amplitude, assim também as modalidades de escrever a História, influenciada pelo surgimento de novos territórios a serem explorados pela pesquisa

histórica, pelos novos objetos visando temáticas originais e pela abundância das novas abordagens. (REVEL apud SANTOS, 2007, pp. 1-2).

Neste contexto, segundo Le Goff, deve ser tratado como documento/monumento, isto é, nessa renovada visão, tudo o que está relacionado ao homem pode ser utilizado como fonte da História. No caso, ao utilizar a literatura, o historiador passa a ver a mesma com outros olhos: não como algo feito pelas mãos de uma pessoa obedecendo um certo padrão estético para ser comercializado ou lido por determinado grupo. Como Reyes (2015) nos diz

consideramos a literatura como uma representação escrita da história permeada pela imaginação do autor, influenciado pelo meio em que vive. Como fonte histórica é legitimada pois tem a capacidade de lançar uma luz em áreas não contempladas por outras fontes. A literatura como fonte auxilia na compreensão do ambiente sociocultural do período referente à obra, pois a transfiguração da realidade e sua transposição para a ficção traz em si significados para o entendimento da sociedade de homens e mulheres de seu tempo (p. 110).

Ensinar História por meio de fontes históricas

Primeiramente, faz-se necessário elencar o conceito do que é ensinar história. Para isso, utilizaremos os pressupostos teóricos de Nilton Mullet Pereira e Fernando Seffner (2008). Segundo os autores, “ensinar história na escola significa permitir aos estudantes abordar a historicidade das suas determinações sócio-culturais, fundamento de uma compreensão de si mesmos como agentes históricos e das suas identidades como construções do tempo histórico” (p. 119).

Ainda segundo os autores supracitados, existe uma distinta diferença entre a história ensinada na educação básica e pesquisa histórica feita na universidade. Até porque, “os processos de mediação didática que buscam construir o conhecimento escolar, a partir de várias fontes, sendo uma delas o conhecimento produzido pela pesquisa histórica” (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 118). Logo, as formas de se ensinar história - na academia e na educação básica - são diferentes, e há razões para tal.

No curso de História, integrado ao ambiente acadêmico, o ensino se volta a uma formação que exige a aprendizagem da filosofia e da epistemologia da disciplina, de modo que não apenas o futuro professor de História amplie e refine seu olhar para o real, mas que se torne um agente da pesquisa e da socialização do conhecimento histórico. (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 118)

O ensino de história na educação básica tem por intuito, segundo os autores, revelar aos estudantes que a disciplina histórica nada mais é que um discurso, e que em meios a conflitos, sejam eles sociais, políticos, ou econômicos, estabelece a ordem do passado e seus modos de sentir e experienciar o mesmo.

O professor de História na escola estabelece as diferenças entre os diversos discursos que se propõem a recriar o passado e o relato historiográfico, discute a especificidade do cinema, da televisão, da literatura e, sobretudo, da historiografia como o espaço mesmo do ofício da produção de representações sobre o passado. (FERREIRA e SEFFNER, 2008, p. 119).

Joaquim Prats em seu artigo “*Ensinar História no contexto das Ciências Sociais: princípios básicos*” apresenta os principais objetivos didáticos da História, que são eles: Compreender os fatos ocorridos no passado e saber situá-los em seu contexto; Compreender que na análise do passado há muitos pontos de vista diferentes; Compreender que há formas muito diferentes de adquirir, obter e avaliar informações sobre o passado; e por fim, transmitir de forma organizada o que se estudou ou se obteve sobre o passado. Dar-se-á enfoque ao terceiro objetivo.

Prats descreve que este é um importante objetivo para o ensino de história, pois “está relacionado à forma como se obtém os dados que servem para construir a explicação histórica” (PRATS, 1996, p. 7). Para isso, o autor demonstra que os alunos precisam ter o manejo de fontes históricas, saber extrair as informações necessárias para a compreensão de como é construído o conhecimento histórico, e por fim, saber avaliar as fontes.

Para isto, os estudantes devem comparar o valor de algumas fontes relacionadas com uma questão histórica concreta. É preciso saber reconhecer que tipos de fontes históricas poderiam ser utilizados para uma linha concreta de investigação e selecionar os tipos de fontes que poderiam ser úteis para proporcionar informação em uma investigação histórica (PRATS, 1996, p. 7).

Para finalizar este tópico, é importante retomar a importância que Ferreira e Seffner (2008) atribuem para o ensino de história na educação básica. Segundo os autores, “na escola, o ensino de história coloca os estudantes diante das representações que as gerações passadas produziram sobre si mesmas (nossas fontes) e, ao mesmo tempo, estimula-os a elaborar a crítica das representações que hoje produzimos sobre nosso próprio passado” (p. 119).

Na tentativa de costurar as duas linhas de pensamento apresentadas acima, procuraremos tecer reflexões que possam abarcar a importância de ensinar história através do uso e análise das fontes históricas em sala de aula. Primeiro que a utilização de fontes nas aulas de história contribui para que os estudantes entrem em contato com os vestígios que os historiadores “obtem para a construção do conhecimento histórico”. Segundo que se o ato de ensinar história leva os alunos diante das representações do passado, sabendo então manejar as fontes históricas, compará-las e criticá-las, auxilia no melhor vislumbre dessas representações.

A Literatura nas aulas de História: métodos e abordagens

Para demonstrar quais os métodos e abordagens podem ser usados visando o uso da literatura nas aulas de história, utilizaremos o caderno de “Fundamentos de Estágio Supervisionado II”, organizado por Sayonara Rodrigues do Nascimento Santana. Inicialmente, Santana discorre que entender a diferença entre história e literatura é muito importante para se iniciar o trabalho usando tal fonte:

Ambas procuram representar a ação dos seres humanos no tempo e utilizam narrativas para alcançar esse objetivo. A Literatura vale-se de narrativas não necessariamente compromissadas com acontecimentos, mas diretamente interessadas em mostrar como as pessoas concebem, vivenciam e representam a si mesmas e ao mundo no qual estão inseridas. A História, por sua vez, parte do presente para coletar, selecionar e interpretar fontes do passado com o objetivo de construir narrativas que se aproximem, com maior nitidez, do que foi vivenciado por um indivíduo, grupo social ou pela sociedade. (ABUD; SILVA; ALVES; 2010, p.44). (129)

Consequentemente, a literatura e a história procuram sempre representar o homem em seus aspectos sociais. Entretanto, é neste ponto que elas podem divergir. Como Santana comenta: “O ponto de divergência é que a obra literária não tem compromisso com a verdade, ou seja, não se interessa em comprovar aquilo que é escrito, ao contrário da história, que através da análise e controle das fontes busca ao máximo aproximar-se da realidade estudada” (p. 130).

A História, nesse ponto “[...] busca na literatura a mentalidade de diferentes grupos sociais, as representações dos autores em relação à época que vivem e produzem as suas obras, dentre outros elementos.” (p. 120). É de suma importância, para o uso da literatura como fonte, entender como o autor foi influenciado pelo meio social e de que

forma está evidenciado em suas obras. Mas não é qualquer obra que pode vir a ser usada como fonte. Para a utilização da mesma, deve-se atentar a linguagem:

Contudo, precisamos ter cuidado ao analisar as fontes literárias e atentar para a seleção das obras a serem trabalhadas em nossas aulas de História, pois devemos distinguir com muito cuidado o discurso literário do discurso histórico, para que os alunos não acabem confundindo as duas formas de linguagem e abordagem das ações humanas (SANTANA, 2014, p. 130).

A importância de se escolher uma obra concernente ao tempo que se pretende estudar é de grande valia, pois, mesmo que o autor(a) tenha escrito naquele determinado período histórico, a sua obra pode estar falando sobre um período que ainda não existiu (Futuro) assim como algo que o mesmo possa estar vivendo enquanto escreve a obra (Denotando assim, um ar mais pessoal ainda.). Entendendo assim que “o mais indicado para se utilizar em sala de aula, é trabalhar com os textos que tratam de seu próprio tempo, independente de ser romance, conto, poesia, ou qualquer outra forma do discurso literário, por aproximar se mais da realidade histórica estudada”.

Um exemplo, que a autora traz ao caderno foi a de utilizar a obra: *Triste fim de Policarpo Quaresma*, concernente aos primeiros anos da república brasileira. Como a própria diz:

A narração apresentada pelo autor proporciona ao professor de História uma série de possibilidades de abordagens de alguns conteúdos importantes, como a passagem da Monarquia para a República; A proclamação da República; A instabilidade política dos primeiros anos; O governo de Floriano Peixoto; A revolta da armada; além das questões do cotidiano, presentes nas descrições antropológicas em relação aos costumes dos cariocas do período.(SANTANA, 2014, p. 132).

Tal percepção de temáticas presentes em tal obra só se dará pela interligação de atividades do professor de história com o(a) de Português/Literatura. Na qual o professor(a):

[...] Busque maneiras de dos discentes compreenderem que a obra literária tem muito a contribuir como fonte para a construção da história, além disso, sabemos o quanto é prazeroso e instigante observarmos as realidades, através do imaginário de uma obra de ficção, contrastando com a busca da verdade na construção do conhecimento histórico.(SANTANA, 2014, p. 132).

Conclusão

Diante de todas as questões abordadas ao longo do presente artigo, podemos inferir algumas conclusões: a primeira é de que a “Revolução Documental” protagonizada pela revista dos *Annales*, oportunizou, tanto um novo modo de se compreender o mundo, quanto um número maior de fontes para a pesquisa histórica e o ensino da mesma. Em seguida, que a literatura, como representação humana sobre determinado tempo pode sim ser utilizada como fonte histórica, dada a sua semelhança no que diz respeito ao aspecto discursivo e suas particularidades que culminam para uma melhor representação da realidade

Tanto a História quanto a Literatura atuam com escolhas, recortes, contextos, subjetividades e ambas se servem da narrativa. Logo, se a historiografia lida com questões narrativas para sua produção, por quê não levar para o ensino as fontes literárias? e como demonstrado, a mesma deve se ater a alguns pontos, tais como: Perceber a linguagem e a diferença entre a escrita histórica e a escrita literária; entender se a obra utilizada na sala de aula é concernente ao tempo que está se estudando; e, que, imprescindivelmente, o professor de história deve ter um bom contato e promover diálogos com o professor de Literatura/ Português, oportunizando assim, uma interdisciplinaridade mais efetiva.

Por fim, a linguagem literária proporciona para os professores de História caminhos metodológicos que contribuem para que a disciplina histórica na educação básica se torne mais atrativa, bem como instiga os estudantes no que tange ao hábito da leitura e compreensão de textos, sejam eles literários ou não. O professor de História que está preocupado em tornar seus estudantes agentes históricos de seu próprio tempo, utilizar-se-á da criação literária para que os mesmos possam imprimir nelas a forma como representam sua realidade.

Referências

ABUD, Kátia Maria; SILVA, André Chaves de Melo; ALVES, Ronaldo Cardoso. *Ensino de História*. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

ANDRADE, Ednar. *A Importância da Literatura*. 7 de outubro de 2010. Disponível em: <<http://substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/#more-22513>> . Acesso em: 07/11/2018

BARROS, José D' Assunção. Fontes históricas: olhares sobre um caminho percorrido e perspectivas sobre os novos tempos. Albuquerque. *Campo Grande*, v. 2, n. 3, p. 71-115, 2010.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1997.

D'ÁVILA, Cristina. Interdisciplinaridade e mediação: desafios no planejamento e na prática pedagógica da educação superior. *Conhecimento e Diversidade*, v. 6, p. 59-70, 2011.

FAIZANO, Juliana Cristhina, CAPORALINI, José Beluci. A importância pedagógica dos poetas Hesíodo e Homero na educação dos jovens na Grécia antiga, In: VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais VI Ciclo de Estudos Antigos e Medievais do PR E SC, 2008, *Anais*, Maranhão. Disponível em: <http://www.ppe.uem.br/jeam/anais/2008/pdf/p010.pdf>. Acesso em: 16/08/2019

Moisés, Massaud; *A Criação Literária*. São Paulo: Cultrix, 1966.

LLOSA, Mario Vargas. A importância da literatura. *Substantivoplural*. , São Paulo, 7 de Outubro de 2010. Disponível em: <http://substantivoplural.com.br/a-importancia-da-literatura/#more-22513> Acesso em : 16 de Agosto de 2019

PEREIRA, Nilton Mullet; SEFFNER, Fernando. *O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula*. Porto Alegre, Anos 90. Porto Alegre, v. 15 n. 28. P.113-128, dez. 2008.

PRATS, Joaquín. Ensinar História no contexto das Ciências Sociais. *Educar*. Curitiba, Especial, 2006. Editora UFPR, p. 191-218.

PEIXOTO, Afrânio. Panorama da literatura brasileira. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Rio de Janeiro, v.58, p. 189-99, jul./dez. 1939.

REYES, Gabriela. *Seguindo a Correnteza: a literatura como fonte histórica*. XII Seminário de Estudos Históricos. Profissão, Professor: Desafios no Ensino de História. Universidade Feevale (Universidade no Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul), 2015, p. 1. Disponível em: <https://www.feevale.br/Comum/midias/c2a481da-1fa5-4fea-a9c5-1ca79eb0f055/Gabrila%20Bieger%20Reyes.pdf>

SANTANA, Sayonara Rodrigues do Nascimento. *O uso de fontes históricas como recursos para o ensino de história*. p 126- 147, São Cristóvão: CESAD, 2014.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos, *História e Literatura: uma relação possível*. *Revista Científica*, Curitiba, ano II, v.2, jan-dez/2007. Disponível em: <<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:dNyqXkcWqp8J:periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/download/1726/1071+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>>. Acesso em 07/11/2018

SUTIL, Nair. A Literatura como fonte e como linguagem no ensino de História: diálogo com os contos de Chimamanda Adichie. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 12., 2015, Curitiba. *Anais...* Curitiba, 2015.